

Assessoria contesta a acusação

Da sucursal de
BRASILIA

O chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda Edésio Fernandes Ferreira, rejeitou ontem a acusação de setores financeiros internacionais de que o Brasil teria renegociado mal sua dívida externa, ao contrário do México. Na opinião do assessor de Ernane Galvêas, o Brasil montou um esquema de renegociação coerente com as necessidades do País, no final do ano passado, e se está renegociando novamente só por causa da conjuntura externa adversa, inclusive a elevação das taxas de juro.

Outra fonte da área financeira assegurou que embora o Brasil seja credor de quase US\$ 4 bilhões de compromissos não honrados por compradores de produtos brasileiros, incluindo a Polónia, o Banco Central não procura incluir este número entre as reservas externas do País, nem mesmo ousando como reserva contábil, porque reconhece que os devedores se encontram na mesma situação que o País, ou seja, em insolvência e com problemas para renegociar sua dívida com o sistema financeiro internacional.

Edésio Fernandes Ferreira frisou também o problema com o "Projeto 4" — restauração das linhas de crédito interbancário —, que o Brasil pediu ao FMI para atingir US\$ 10 bilhões. Se o projeto até hoje não fechou, afirmou Edésio, foi mais por causa dos pequenos e médios bancos norte-americanos do que por culpa do Brasil. "Não se pode considerar que houve erro de avaliação, que a conjuntura não nos tem sido favorável," concluiu.

ERROS

Fonte qualificada da área monetária, por sua vez, admitiu que o Brasil de fato errou em muitos pontos da renegociação da dívida, a começar por buscar uma assessoria só dentro do mercado bancário americano, quando tinha crédito a negociar com outros bancos importantes na Europa e no Japão. Segundo essa fonte, o programa de renegociação foi montado muito em cima das perspectivas norte-americanas, mas sequer calculou a participação dos pequenos e médios bancos regionais, que acabaram por se retrair.

O "Projeto 4", por exemplo, foi coordenado pela área bancária do Banco Central, e quem cuidava dele era o funcionário Ary da Graça Lima, homem mais de mercado interno, sem a necessária vivência internacional, e que acabou substituído. Na opinião da fonte, o Brasil não usou o primeiro time que tinha disponível no momento da renegociação.

Outro erro, destaca a fonte, foi a concepção do "Projeto 4", porque é uma linha de crédito que se supõe não seja integralmente usada. O Brasil, ao contrário, tentou usar os recursos do "Projeto 4" em termos permanentes, e os bancos, sobretudo os médios e pequenos, ficaram desconfiados. "A linha do crédito é uma espécie de 'cheque-ouro' do Banco do Brasil e não se pode sacar o 'cheque-ouro' de modo permanente, sem depositar alguma coisa", explicou a fonte.

Houve também erros de estimativas, com as autoridades brasileiras subestimando os cálculos. Em outubro, o Brasil apresentou algumas estimativas aos banqueiros, que em dezembro não eram as mesmas e nem prevaleceram depois. "Houve alguma dificuldade de estatística no Brasil, à época", sugere a fonte. Outro erro, na sua opinião, foi o fato de o Brasil ter atribuído a pessoa sem maior vivência no mercado internacional uma renegociação de tal magnitude.

Outro fato que pode ter contribuído para o fracasso da renegociação brasileira foi o próprio presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, só ter começado a se envolver com negociações internacionais a partir de maio do ano passado, quando a situação do País já era crítica.

Apesar de tudo isso, segundo a fonte do Banco Central, o Brasil renegocia hoje sua dívida "sem maiores erros", mesmo enfrentando uma situação internacional difícil. "A América Latina tem US\$ 280 bilhões para renegociar", recorda a fonte da área monetária.